



## Preparando a prosa: entrevistas em profundidade com jornalistas escritores de livros-reportagem

Alexandre Zarate Maciel<sup>1</sup>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

**Resumo:** O artigo descreve a utilização do método da entrevista qualitativa em profundidade para coletar os depoimentos de 10 jornalistas escritores de livros-reportagem (Adriana Carranca, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Fernando Morais, Laurentino Gomes, Leonencio Nossa, Lira Neto, Rubens Valente, Ruy Castro e Zuenir Ventura) e dois editores (Fernando Mangarielo, da Alfa-Omega e Otávio Costa, da Companhia das Letras) e sistematizá-los em categorias de análise específicas que compuseram uma tese de doutorado (MACIEL, 2018). Os questionários semiestruturados foram guiados pela questão central: como esses autores pensam o campo do jornalismo a partir desse tipo de prática extensiva da reportagem em livro? O artigo relata como os procedimentos apontados por Gaskell (2013) e Duarte (2005) foram adaptados e apresenta um panorama geral do livro-reportagem na visão dos jornalistas escritores.

**Palavras-chave:** Entrevista em profundidade; jornalistas escritores; livro-reportagem; jornalismo; rotinas produtivas.

### 1. Terreno fértil para estudos

Este artigo relata como o método da entrevista qualitativa em profundidade contribuiu para preparar, efetivar e sistematizar, em categorias específicas, cerca de 22 horas de entrevistas individuais com 10 jornalistas escritores de livros-reportagem brasileiros (Adriana Carranca, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Fernando Morais, Laurentino Gomes, Leonencio Nossa, Lira Neto, Rubens Valente, Ruy Castro e Zuenir

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordena o grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, “Jornalismo de Fôlego”. Email: alexandre.maciel@ufma.br.

Ventura) e dois editores (Fernando Mangarielo, da Alfa-Omega e Otávio Costa, da Companhia das Letras), na tese de doutorado “Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil”, defendida pelo autor na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em fevereiro de 2018.

Os procedimentos do método e sua aplicação específica na pesquisa, que buscou desvendar a questão central de como esses autores pensam o campo do jornalismo a partir desse tipo de prática extensiva da reportagem em livros, são debatidos neste artigo a partir das recomendações de autores como Gaskell (2013) e Duarte (2005). Explica-se, ainda, o raciocínio feito para a elaboração das principais linhas de força teóricas que compuseram os questionários com os jornalistas e editores.

Estabelece-se aqui um encontro de ideias entre os pesquisadores mencionados a respeito das peculiaridades da entrevista em profundidade no viés acadêmico, de forma que ela não se confunda com o olhar da entrevista jornalística. O principal diferencial é justamente o esteio em um sólido campo teórico, que no caso foi a Teoria do Jornalismo em sua perspectiva construtivista interacionista. Ela leva em conta a interpretação dos acontecimentos como resultado de um sistema complexo: rotinas produtivas; hierarquias; poder político e econômico; disputa das fontes pelo palco midiático; ativa participação do leitor no processo de construção da realidade; além das posturas profissionais do repórter que dribla sanções.

No caso do jornalista autor de livros-reportagem, mesmo diante de um trabalho de certa forma mais autônomo e distante das redações, deve-se levar em conta que as representações desses profissionais não surgem em mentes individuais, mas são pensadas coletivamente de acordo com determinados mapas culturais, o que permite a categorização científica. Além do relato de como foram sistematizadas e categorizadas as entrevistas, o artigo apresenta, em um panorama geral, as principais conclusões dos entrevistados a respeito do universo do livro-reportagem no Brasil.

Partiu-se das hipóteses de eles parecerem se identificar, como sugerem seus discursos, com certos modelos específicos de jornalismo. Mais autônomos e menos presos a hierarquias. Pouco ligados à efemeridade do factual. Atentos ao contemporâneo, ou seja, aos acontecimentos já ocorridos que reverberam na atualidade.

Preocupados com o debate da memória nacional, ao focar, em suas obras, temas conjunturais de forma extensiva.

Entre os principais fatores que motivaram esta pesquisa está o fato de haver poucos estudos acadêmicos sobre o perfil e os modelos de jornalismo adotados pelos repórteres que ingressam no campo do livro-reportagem no Brasil. A maior parte das análises de campo sobre repórteres concentra-se nas redações e no seu comportamento em grupo, obedecendo linhas editoriais e hierarquias. Esta pesquisa está atenta aos significados de um trabalho mais autônomo dos jornalistas inseridos no mercado editorial.

Em 1990 Edvaldo Pereira Lima defendeu, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), uma tese pioneira sobre o assunto: “O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade”. Publicado em livro com o título “Páginas Ampliadas”, o trabalho ganhou uma versão revista, com mais páginas e definitiva em 2009. Para se aproximar do objeto, Lima (2009, p. 11) adotou a perspectiva da Teoria Geral dos Sistemas, como foi proposta por Ludwig Von Bertalanffy. Assim, em uma tentativa de definição, afirma que o “livro-reportagem pode ser encarado como um subsistema do sistema jornalismo”, além de ponderar que este produto também está enquadrado em um “subsistema híbrido, ligado tanto ao sistema jornalismo quanto ao sistema editoração”.

Adaptando pesquisas acadêmicas, Sérgio Vilas Boas abordou as biografias jornalísticas nas obras “Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens” (Summus Editorial), em 2002, e “Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida” (Unesp), em 2008. Para nortear a sua análise de conteúdo de algumas biografias brasileiras, apontando certos hábitos narrativos de seus autores, como Ruy Castro e Fernando Morais e Cláudio Bojunga, Vilas Boas (2002, p. 35) propõe, como definição, o que ele chama de metabiografia: “Porque análise e auto-análise são partes constitutivas do processo de construção de uma vida escrita. Esse processo é do biógrafo, do biografado e de ambos, juntos, harmônicos dentro de um mesmo cenário volátil. Metabiografia porque qualquer objeto biográfico extravasa e consagra a relação sujeito-sujeito”.

Em 2010, Heriberto Catalão Jr. defende, no Programa de Pós-Graduação em

Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara, a tese “Jornalismo *best-seller*: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo” (CATALÃO JR, 2010), em que visa a compreender e caracterizar a emergência e a presença do livro-reportagem no mercado editorial brasileiro. O pesquisador procedeu à análise de discurso dos 18 livros-reportagem nacionais e estrangeiros mais vendidos no período de 1966 a 2004. Para isso, propõe uma abordagem do livro-reportagem não como um veículo de comunicação, como ensaia Lima, mas como um gênero do discurso inicialmente definido a partir de seu conteúdo temático (BAKHTIN, 2003, p. 261-306) — em outras palavras, como um gênero cujo enunciado típico é elaborado mediante um trabalho de reportagem e publicado na forma de livro.

Esses pesquisadores não realizaram pesquisa de campo com os autores de livros-reportagem, buscando, por exemplo, entender as condições diferenciadas do seu trabalho na instituição jornalística, os modelos de jornalismo que adotam e suas relações com o mercado editorial e os seus leitores. Coube à tese do autor deste artigo (MACIEL, 2018), procurar preencher minimamente esta lacuna, em um estudo do *ethos* jornalístico desses profissionais, com o auxílio do método da entrevista qualitativa em profundidade. A partir desse olhar, concluiu que o livro-reportagem pode ser definido como uma possibilidade discursiva de interpretação complexa dos acontecimentos e personagens históricos, sociais e cotidianos pelo prisma das heranças dos saberes jornalísticos, reconfigurados no reconhecimento, procedimento e na narração.

## **2. Em busca de percepções e experiências**

Para compreender os modelos de jornalismo e as práticas adotadas pelos jornalistas escritores que compuseram o universo da tese, foi utilizada a técnica de pesquisa qualitativa da entrevista individual em profundidade. Ela serviu de base para apurar com esses profissionais de que forma o tempo mais dilatado para a produção, o trabalho mais solitário, longe das hierarquias das redações, e o fato de lidar com uma massa incalculável de informação documental e oral, entre outros fatores, marcam o resultado final do produto livro-reportagem.

Para Duarte (2005, p. 62), a entrevista individual em profundidade, aplicada na tese e esmiuçada neste artigo, é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir

da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Ele acrescenta que esse recurso metodológico tem por base as “teorias e pressupostos definidos pelo investigador” e é útil para “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Os jornalistas autores de livros-reportagem compõem uma categoria específica da profissão ainda pouco estudada no campo da comunicação. É difícil, por exemplo, aplicar técnicas de raízes etnográficas, como a da observação participante, para entender seu modo de produção. Eles não trabalham em redações – marcadas pela lógica da hierarquia profissional e pressão do tempo das horas de fechamento – onde possam ser sistematicamente verificadas as suas práticas, como outros pesquisadores já fizeram com jornalistas de outros meios impressos.

Assim, para perceber e descrever o modo de produção dos jornalistas escritores, a entrevista individual ajuda, em primeiro lugar, a recuperar sua trajetória profissional e as impressões a respeito das diferenças entre a rotina de uma redação e a elaboração de uma obra. Também é possível apurar algumas pressões que esse profissional pode sofrer, como a dos prazos editoriais e a dificuldade de publicar ou comercializar um livro, entre outros diversos aspectos. Mesmo vivenciando experiências mais individuais, os autores de livros-reportagem lançam mão de métodos jornalísticos consolidados. Dessa forma, suas impressões podem ser categorizadas.

Levando em conta que o mundo social “é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram”, como pondera Gaskell (2013, p. 64), cumpre ao investigador, a partir do emprego da entrevista qualitativa, “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”. Ou seja, a partir de esquemas interpretativos definidos em um estudo teórico prévio, “compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações”.

A intenção das entrevistas foi verificar se os jornalistas que escrevem livros-reportagem compartilham visões semelhantes a respeito das formas de reconhecer o que rende tema para um livro. A maneira de se relacionar com os personagens entrevistados e com as questões éticas, entre outros aspectos, também foi apurada. Partiu-se do pressuposto de que esses escritores se orientam pela mesma cultura profissional dos

demais colegas de ofício, embora aplicada e reconfigurada em uma rotina produtiva diferente, em vários aspectos, das redações.

Gaskell (2013, p. 64) considera que “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Já pela ótica de Lago (2007, p. 52), “o ouvir, alcançado mediante entrevistas em profundidade e abertas, ajuda ao pesquisador a perceber as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações e rituais”. Duarte (2005, p. 63) complementa que as perguntas, nesse método, permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, “descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas”.

Tomando por base todas essas considerações, elaborou-se um questionário padrão com linhas de força pré-definidas, mas aplicadas de forma semiaberta. Três delas sustentam a base principal, afinadas à pergunta central da tese: “Qual o lugar do livro-reportagem no jornalismo brasileiro na perspectiva dos modelos jornalísticos experimentados pelos seus autores?”

Entender em que sentido o acervo de conhecimento adquirido na redação foi transposto ou acionado de forma diferenciada pelo jornalista que escreve livros de não ficção foi o primeiro objetivo. As perguntas correspondentes a essa linha foram elaboradas na tentativa de indiciar, ou não, três hipóteses principais: a primeira, de que os jornalistas escritores se identificam com modelos de jornalismo menos presos a hierarquias e linhas editoriais; uma segunda, de que esses profissionais estão menos atrelados à efemeridade do factual; e, finalmente, se os escritores defendem um jornalismo de aprofundamento dos temas contemporâneos, aqui entendido como uma interpretação dos acontecimentos do passado pelo olhar jornalístico do presente.

Seguindo esse raciocínio, estabeleceu-se um diálogo com os entrevistados, buscando entender, em vários aspectos, quais são as heranças do trabalho no jornalismo cotidiano e em redações para a prática do livro-reportagem. A relação com os fatos da contemporaneidade se dá menos pela lógica do factual e mais pelo prisma da contextualização nos livros? Autor de livros é repórter? As formas de contato, com exemplos, com os personagens dos livros, bem como as maneiras de lidar com a pesquisa documental também foram exploradas, assim como as técnicas para organizar

toda a imensa massa de dados resultante das entrevistas orais e da consulta a documentos em forma de uma obra mais perene.

Outras questões cruciais dessa primeira linha de força dizem respeito à maneira de os entrevistados lidarem com o tempo, supostamente mais dilatado para dedicar-se à elaboração dos seus livros, e com a sensação de ter mais páginas para desenvolver os temas centrais. Como esses profissionais trabalham com as informações contraditórias? E o medo do erro, por hipótese maior no livro? Enfrentaram dilemas éticos durante a produção das suas obras? Por fim, os jornalistas foram instigados a refletir a respeito do papel do livro-reportagem para a construção de uma memória nacional.

A segunda linha de força abrangeu questões relacionadas às formas narrativas adotadas em seus livros, seu leitor imaginado e também suas posturas ideológicas. Que angústias e satisfações estão envolvidas na prática do livro-reportagem? O entrevistado considera que desenvolveu um estilo particular de narração? Este guarda semelhanças com as formas como construía suas narrativas nos veículos diários? Nesse sentido, buscou-se compreender o que os jornalistas entrevistados consideram a respeito da classificação jornalismo literário e também como contrapõem o conceito.

Por outro lado, os escritores foram indagados se traçam um perfil imaginário do seu leitor e também sobre como ele se apresenta na vida real. Interessou descobrir, ainda, como eles avaliam a repercussão de suas obras na imprensa cotidiana. Por fim, na tentativa de enquadrar melhor o modo de refletirem sobre os seus procedimentos, foram questionados sobre quais valores defendem em seus livros e se ambicionam despertar a consciência crítica do leitor com os temas abordados.

A terceira e última linha de força do questionário concentrou perguntas a respeito do mundo editorial. A hierarquia nas editoras é diferente de uma redação em que sentido? Em quais termos foram estabelecidos os contratos com as editoras? Livro garante sustento financeiro? Os entrevistados também foram estimulados a descrever as etapas editoriais dos seus livros e comentar, com exemplos, como se dá a sua relação com os editores, revisores e paginadores, assim como as formas de divulgação.

Outro grupo de questões dessa linha teve por objetivo entender como os profissionais refletem a respeito das estratégias do mundo editorial. Uma carreira de sucesso prévio na imprensa diária ajuda a fomentar uma trajetória de escritor? Ou é o

tema forte, ou um personagem impactante e de grande interesse, quem define o ingresso e a consolidação no mercado editorial? O jornalista escritor tem mais status entre os seus pares? Como lida com os possíveis questionamentos judiciais? Por último, buscou verificar qual a visão atual e a perspectiva histórica de cada entrevistado sobre o mercado editorial brasileiro.

### **3. Desvendando universos particulares**

Para Duarte (2005, p. 71), o pesquisador pode se surpreender com o rendimento das entrevistas. “As pessoas raramente têm oportunidade de falar abertamente e de maneira sistematizada sobre suas experiências, opiniões e percepções e tendem a ser cooperativas com os entrevistadores informados e perspicazes”. Autores de livros-reportagem costumam ser mais reclusos e não agem em grupo, como repórteres de redação. Para divulgar seus livros vão a feiras nacionais e internacionais, conferem palestras em universidades, realizam noites de autógrafos, mas, passado esse período, entram em um novo processo de “incubação”, que pode demorar anos, com o objetivo de produzir uma nova obra.

As categorias de análise já estavam previstas desde a criação do questionário. Este, por sua vez, foi elaborado prestando muita atenção ao problema de pesquisa, aos objetivos geral e específicos e às hipóteses. Utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo como base. A intenção foi sempre relacionar as respostas e encontrar, no “debate” entre os jornalistas e também os editores, padrões de concordância e discordância, pontos comuns ou díspares de observação, bem como olhares reveladores, que muitas vezes só depoimentos podem proporcionar, sobre determinadas questões relativas ao universo de produção dos livros-reportagem.

É comum, segundo Gaskell (2013, p. 71), que nas primeiras entrevistas haja muitas informações surpreendentes, mas depois a tendência é que apareçam temas comuns: “Progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno”. Ele recomenda: “Para analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas”.



Com o propósito de definir o universo de entrevistados tomaram-se por base os profissionais que tivessem uma herança jornalística consolidada, mesmo não vivenciando atualmente rotinas produtivas tradicionais, ou que ainda conciliassem o seu ofício de escritores com o trabalho em redações. Também interessou equilibrar a proporção de entrevistados em relação à experiência no campo dos livros, ou diferentes idades, bem como separar jornalistas-biógrafos dos demais, como os autores de livros de reconstituição histórica ou aqueles que narram fatos e questões contemporâneos explorados em forma de reportagem. Nos próximos parágrafos, os membros desse universo serão apresentados e a sua presença justificada.

O escritor Zuenir Ventura entra na categoria dos mais experientes, tanto no campo do jornalismo diário quanto na produção de livros, sendo alguns de grande sucesso editorial, como *1968: o ano que não terminou*. Representando os biógrafos, três jornalistas com carreiras consolidadas nas redações e projeção nos livros: Ruy Castro, que biografou personagens da cultura brasileira, como Carmen Miranda, Nelson Rodrigues e Garrincha; Fernando Morais, narrador das trajetórias de Assis Chateaubriand, Olga e Paulo Coelho, além de autor de livros de reconstituição histórica, como o pioneiro *A ilha* e *Os últimos espiões da guerra fria*; e Lira Neto, de uma geração mais recente, mas com obras aplaudidas, como a trilogia sobre o ex-presidente Getúlio Vargas e a vida de padre Cícero.

Para entender como se lida com universos diferentes de jornalismo, como o televisivo e o da escrita de livros, foi escolhido Caco Barcellos, autor reconhecido pela crítica e pelo público em sua incursão pelo mundo editorial, com *Rota 66* e *Abusado*. Laurentino Gomes, por sua vez, representa o jornalista que conseguiu de tal forma dedicar-se ao campo editorial que deixou as redações e vive somente dos seus livros. Ele, bem como Lira Neto, ajuda a fomentar o debate sobre as intersecções do livro-reportagem com o campo da história, que vem adquirindo contornos diferenciados.

Completam o quadro de entrevistados quatro repórteres na casa dos 40 anos, representando nitidamente uma nova geração de jornalistas escritores que ainda não abandonou as redações, ou não tinha tomado essa decisão por ocasião das entrevistas. Devido a essa convivência com dois universos, tecem reflexões interessantes sobre suas semelhanças e diferenças. A mais consagrada é Daniela Arbex, então repórter do jornal

*Tribuna de Minas*, hoje escritora e palestrante independente, que vendeu mais de 300 mil cópias com um livro de temática árida, *Holocausto brasileiro*. Adriana Carranca, do jornal *O Estado de S. Paulo*, entra na pesquisa pelo diferencial de trabalhar com um gênero que inaugurou no Brasil, o livro-reportagem infantil, com *Malala, a menina que queria ir para a escola*.

Trabalhando no mesmo jornal e considerado um repórter especial, como Carranca, produzindo reportagens de fôlego, premiadas também no jornalismo diário, Leonencio Nossa representa aqui o jornalista que, com quatro livros publicados, sendo *Mata!* o mais comentado, e com prêmios Esso, ainda busca maior visibilidade no mercado editorial. Rubens Valente, por fim, da *Folha de S. Paulo*, é também o exemplo de um jornalista da rotina diária de redação, que lançou recentemente o seu segundo livro, *Os fuzis e as flechas*, agora por uma editora maior, a Companhia das Letras, com todas as angústias e prazeres que isso envolve.

#### **4. Livro-reportagem na concepção dos jornalistas escritores**

É importante fazer um balanço geral do que disseram os 10 jornalistas escritores e os dois editores entrevistados, mas nunca em um tom definitivo ou de conclusão pronta e inquestionável. Este panorama pode ser conferido de forma bem mais detalhada, dividido em três capítulos de análise, com o mosaico de vozes atribuído a cada respondente, na tese do autor deste artigo. Aqui, por questão de espaço, optou-se por um resumo do imaginário desses escritores que acaba servindo como um panorama de como eles próprios encaram o trabalho jornalístico de produção de um livro-reportagem.

Na opinião de todos entrevistados, elaborar um produto como este envolve enorme esforço pessoal e mobilização dos saberes jornalísticos já exercitados nas redações, agora de forma mais extensiva e autônoma. O calor da produção diária, pelo qual todos passaram e alguns ainda passam, dá segurança para preparar-se para uma entrevista, organizar a pauta, saber perguntar e escutar, além de sistematizar informações por vezes contraditórias. Outras heranças das redações para o livro citadas pelos entrevistados são a capacidade de criar ritmos de texto atraentes, aberturas fortes,

um sentido maior de concisão e treino do olhar na rotina para escolher as melhores histórias e suas angulações.

Mas uma das principais diferenças apontadas é o menor peso da carga hierárquica dos editores-chefe, diretores de redação e mesmo das linhas político-ideológicas de um veículo de imprensa. Enquanto a redação oferece tanto pressões quanto proteções corporativas, o livro é um desafio mais pessoal de organização de tempo e astúcia jornalística para distender e tensionar as práticas adquiridas. O fato de a reputação do jornalista estar em jogo de forma mais evidente quando assina um livro-reportagem representa um peso íntimo, que pode explodir em pesadelos, crises de ansiedade, medo do erro, temor da recepção da obra e até na busca de ajuda de psicólogos.

Elemento crucial na teoria construtivista interacionista, a questão da organização do tempo no processo de apuração, seleção e redação jornalística presente em um livro foi bastante abordada. A exigência de prazos em uma editora é mais distendida, diferente da redação. No entanto, os compartimentos íntimos, subjetivos, de pressão do escritor podem oprimir. O prazo combinado com uma editora para todo o trabalho de pós-produção de um livro-reportagem e para seu posterior lançamento costuma assustar mais quando vai chegando ao final. Atrasar um livro significa quebrar toda uma lógica de produção editorial.

A principal vantagem do tempo estendido é poder voltar aos acontecimentos depois que a tensão do factual se acalmou. Os entrevistados são capazes de expressar melhor suas impressões e emoções, comparando sua situação presente e a que viveram no passado. Podem surgir, com o tempo, sempre novas fontes documentais históricas. Uma biografia ou livro de reconstituição histórica – isso parece ser consenso entre os entrevistados – também não deve ser encarado como uma última palavra, definitiva.

Outra relação crucial, também cara aos estudos da teoria construcionista interacionista, é com os entrevistados. É preciso nutrir uma postura sincera de abrir-se à descoberta do mundo do outro. Ter coragem de despir-se dos preconceitos e entrevistar párias, marginais ou pessoas com quem não se concorda ideologicamente. No caso dos temas polêmicos, a conquista da confiança das fontes ainda é mais complexa e demorada, exigindo vários retornos. Confrontados seguidas vezes pelos jornalistas, eles

podem até realizar um processo de autoanálise sobre os seus atos. Existe a impressão de que os personagens costumam organizar seus discursos com mais profundidade quando sabem que farão parte de um livro. As pessoas que têm a mídia pouco presente nas suas vidas, como os moradores de comunidades pobres, em geral são bem abertas aos jornalistas escritores.

Nesse exercício de encontro com o Outro, um dos objetivos é o de captar a vivacidade e a melodia das falas cotidianas. Estar profundamente atento ao silêncio e ainda ao fato de que a fala, assim como os documentos, pode ser camuflada, povoada de elipses enigmáticas. Observam-se bastante os gestos, as atitudes dos personagens e os ambientes onde estão inseridos. Uma herança do *new journalism* e de toda uma tradição dos repórteres-cronistas brasileiros.

Mesmo a apuração mais cuidadosa sucumbe diante de uma narrativa não engendrada com esmero. Quando falam de suas formas de narrar, os jornalistas escritores tendem a procurar definições e adjetivos para classificá-la. Há uma rejeição aos chamados penduricalhos, excessos de caracterizações e detalhamento de elementos inúteis, classificados como literatice. Porém, alguns louvam as técnicas de imersão nos ambientes em que os personagens já estão lá, “criados para você” e apresentam, supostamente, mais elementos surpreendentes do que um ficcionista poderia conceber. Gerar um processo de identificação do leitor com os personagens apresentados, muitas vezes em plena ação e até com suas impressões psicológicas, é fruto, primeiro, de entrevistas criteriosas e cotejamento dos discursos. Também é desejável que um livro-reportagem apresente diferentes focos de um mesmo assunto e a impressão de um mosaico coeso no seu conjunto. Como um romance?

De qualquer forma, os depoimentos indiciam que a convivência paciente desses escritores com um tema ou personagem central gera reflexões cuidadosas a respeito das estratégias de construção do real que irão engendrar no livro-reportagem. Por exemplo: a escolha clara de um Eu narrativo que vai dar ritmo à história; nas biografias, a capacidade de enxergar o biografado à sua frente e encaixá-lo no contexto de toda uma época; o raciocínio sobre como os fatos do passado, novamente revisitados, podem iluminar as problemáticas do presente imediato; e uma maior consciência de que como irá se desenvolver o diálogo com os leitores.

E quem, afinal, são esses leitores que dedicarão horas preciosas do seu tempo para se entregar nesse jogo conjunto de interpretação que é a leitura de um livro-reportagem? Alguns entrevistados dizem que são pessoas de um nível escolar mais avançado, com potencial crítico, que procuram informações de contexto para referenciar a sua compreensão do mundo da vida. É preciso que o escritor esteja preparado para as mais diversas reações, que podem ser extremamente díspares. Existe a vantagem, após a publicação do livro, de um contato mais direto com o leitor, em feiras literárias, palestras, entrevistas na mídia, redes sociais ou mesmo na rua. O cuidado geral é com a elaboração de um material que seja respeitado por especialistas e, ao mesmo tempo, compreendido por um público mais leigo, mas sem nivelá-lo por baixo.

Como parece ser uma mídia de maior durabilidade, o livro-reportagem é apontado pelos entrevistados como uma contribuição para o debate da memória nacional tão combatida. Para isso, é preciso superar um objetivo básico de gerar entretenimento na leitura e ambicionar uma pesquisa jornalística que resulte em um melhor entendimento sobre os papéis sociais e as problemáticas brasileiras, assim como suas mutações. Diante da insegurança do boato, cada vez mais flutuante no oceano da internet, assim como o jornal impresso, o livro parece trazer certo carimbo de credibilidade.

Como produto simbólico, o livro-reportagem é encarado por muitas editoras como algo que transcende o lucro comercial. Há a possibilidade de determinada biografia tornar-se um marco para o entendimento de um personagem por longo tempo. Perenidade, contextualização e aprofundamento histórico são vantagens do formato. O livro transcende a periodicidade, mas suas condições de “eternidade” são relativas. Em termos de visibilidade e vendas, os indicativos caem dentro de meses após o lançamento, todavia, certas abordagens são tão aprofundadas que, sem pretensão de apresentar uma verdade inquestionável e imutável, permanecem como referência por décadas.

## **5- Elementos para uma conclusão: prática transformadora**

A partir da fala dos jornalistas escritores, captadas por meio do método da entrevista qualitativa em profundidade e descritas de forma resumida neste artigo, foi possível comparar suas visões comuns a respeito do jornalismo como instituição e do livro-reportagem, em particular, como um produto. Estabeleceram-se, assim, relações entre essas reflexões e as teorias do jornalismo, principalmente as construcionistas. O curioso é que a maioria dos pesquisadores que estudou os jornalistas, como Tuchman e Breed, escolheu como universo repórteres de redação. São raras as teses em que falam profissionais autores de livros, inseridos em lógicas mais individuais de produção – universo que deveria interessar mais os estudos nessa área.

Esse amálgama de vozes de escritores e editores que têm lidado com o jornalismo publicado na forma de livro ao longo de mais de um século no Brasil não tem pretensão de delimitar uma visão definitiva sobre o fenômeno. Mas a tese, com suas conclusões resumidas neste artigo, contribuiu para indiciar como pensam alguns jornalistas de gerações diferentes, com sólida formação profissional nas redações, que resolveram aventurar-se com consciência por mais essa possibilidade de expressão em tempos severos de crise do significado do jornalismo para a sociedade. Só foi possível colocar em debate essas questões a partir do método da pesquisa qualitativa em profundidade, já que geralmente os repórteres ouvidos por este pesquisador têm poucas chances de terem o seu trabalho mais autoral, no caso da produção de livros, esmiuçado em teses acadêmicas, o que caracteriza o presente estudo como de forte caráter empírico.

Tentar lançar um olhar para vários aspectos que envolvem os modelos de jornalismo adotados no livro-reportagem brasileiro só torna vívida a impressão de como esse fenômeno ainda merece mais atenção no campo acadêmico. Embora muitos estudantes optem por produzir livros-reportagem no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pouco se vê a continuidade desses estudos em termos teóricos quando avançam para o mestrado ou doutorado. Ou mesmo um espírito de continuar produzindo novos livros quando adentram no mercado de trabalho.

O universo editorial do livro-reportagem também fica aberto a múltiplas pesquisas acadêmicas. Seria pertinente concentrar-se nas diferenças de relação entre os editores de livros e os editores de redação com relação aos jornalistas. Entender o que

pensam, também, em uma nova rodada reveladora de pesquisas, jornalistas que não estão no eixo Rio de Janeiro e São Paulo e tentam publicar em mercados editoriais regionais. Mesmo a análise de discurso e de conteúdo teria farto material a ser cotejado diante da expressiva produção de livros-reportagem ao longo de anos no Brasil, com todas as suas diferenças e especificidades. Também são bem-vindas amplas pesquisas quantitativas e, sobretudo, qualitativas sobre o perfil dos leitores de livros-reportagem no Brasil e como reage essa comunidade interpretativa.

Tanto produzir quanto ler um livro-reportagem podem ser atividades transformadoras e reveladoras. Para os jornalistas, como relataram nas entrevistas em profundidade, trata-se da possibilidade de mais uma forma de expressão, com vantagens de certa autonomia e extensão das práticas forjadas no exercício profissional cotidiano. Para os leitores, coparticipantes nessa atividade de relativizar conclusões, entender as questões de forma macro e pela perspectiva da singularidade e projetar as ações do passado no presente imediato.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. de 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CATALÃO Jr., Antônio Heriberto. **Jornalismo *best-seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. Araraquara, 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.
- MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo**: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. Recife, 2018. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



VILAS BOAS, Sergio Luís. **Biografismo**: reflexões sobre a escrita da vida. São Paulo: Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Biografia e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.